

Quando o governo aprenderá a gastar corretamente?

Editorial

Alexandre Barros (*)

Meu caro Edmar (Bacha), li sua entrevista nas páginas amarelas da Veja e achei ótima. Como o tema interessa a muito mais gente do que você e eu, achei que esta era a melhor maneira de comentar o assunto.

Evidentemente, concordo com você que o problema não é que o governo gaste muito dinheiro, mas sim que ele gasta mal. A pergunta importante, no entanto, é se o governo tem a capacidade de gastar bem.

Você menciona que já demitiu quatrocentos funcionários do IBGE. Acho que você e o IBGE são uma exceção. O que as estatísticas extra-oficiais (as oficiais são com você) dão conta é



de que o que se tem feito no Brasil não é demitir ou descontratar, mas sim admitir e contratar. Cunhada a expressão "trem da alegria", até parece que o Brasil é um país primordialmente ferroviário. (Desculpe o trocadilho, mas cunhadas, então, parece que estão sendo admitidas no serviço público — e não demitidas — aos montes, bem como esposas, filhas, irmãs, filhos, irmãos, cunhados, compadres, comadres, correligionários e correligionárias.)

Você menciona que os bancos estão demitindo, mas que, como a economia está crescendo, os bancários estão sendo readmitidos em outros empregos. É verdade. Outro dia o caderno de anúncios de domingo de um dos grandes jornais tinha um anúncio que recrutava exatamente bancários desempregados. Acho ótimo. O problema, porém, como a gente sabe

muito bem, é que os critérios de contratação e descontratação do Estado não são critérios de mercado, ou seja, o Estado não admite apenas para melhorar a eficiência. Isso ocorre porque as pessoas não foram contratadas por essas razões, mas porque são apadrinhadas ou porque são parte de máquinas políticas.

Seria ótimo se o Estado tivesse critérios sensatos, mas como você mesmo disse na entrevista, para o Estado as coisas não custam nada, custam para nós, que não podemos dizer nada a respeito do assunto. Ou melhor, até podemos dizer, mas pelo visto não adianta nada. Em novembro talvez adiente, nas urnas.

Eu sei que você está preocupado com que o Estado gaste melhor, gaste para que se tenha mais justiça social, e tudo o mais em que acreditamos, mas a pergunta é: será que, com

19 AGO 1986

GAZETA MERCANTIL

o governo agindo assim, vocês da área econômica vão conseguir chegar a alguma justiça social? Afinal de contas, todo o esforço que vocês fazem para gastar melhor é jogado pela janela por outra personalidade do governo que desperdiça o dinheiro. Parece-me um caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde da política.

Bem, por hoje vou ficar por aqui. Espero sinceramente que os seus esforços deem certo no IBGE. E tem mais, gostaria que eles dessem certo no resto do governo, porque, quando o Estado gasta mal, o que ele está fazendo é cortesia com o nosso chapéu de pagadores de impostos e, pior, com o chapéu de palha do cidadão miserável que compra seu cigarro ou sua cachaça.

Tomara, portanto, que o seu exemplo frutifique. Até que isso aconteça (se acontecer), do ponto de vista de quem paga os impostos e os

salários dos funcionários públicos, e o vôo de avião do Dr. Ulysses para os Estados Unidos (até agora inexplicado, isto é, o substituto do presidente sofre de algo que sumiu, como que por milagre — milagres de Boston?) e os 80% dos programas sociais que são desviados, não faz absolutamente nenhuma diferença se o governo gasta mal, ou gasta muito, dá na mesma.

Nesse meio tempo fico por aqui, com um abraço. Alexandre Barros.

PS — Tinha rascunhado este artigo antes do pacotinho autoritário de 23 de julho. Tive a triste confirmação de que o governo sabe gastar muito mal o nosso dinheiro.

(*) PhD em Ciência Política pela Universidade de Chicago e consultor de empresas em Análise de Risco Político, baseado no Rio de Janeiro.